

Índice

Prefácio	7
A Muralha	
I	35
II	62
III	92
IV	128
V	163
VI	193
VII	229
VIII	251
IX	280
X	313
XI	345

I

Respirando. Respirando contra a palma da mão, recebendo nas narinas o doce e viscoso cheiro da mão inerte e viva, com o seu pulsar de veias tão profundas sob uma pele levíssima; percebendo a torrente macia do sangue batendo nos seus ouvidos, e, vindo pelo filtro da areia, o desmornar de minas secas que abatiam ao roçar dos pequenos vermes da praia; ouvindo o vento tocar os cardos e os juncos que, como agulhas, erguem a sua agressividade doirada, logo vencida pelo determinado peso da mão. Respirando. Irreal, com os olhos vigilantes sob as pálpebras fechadas, vendo os caminhos por entre o pinhal misterioso e convidativo, e os junquinhos de terrível aroma que se balançam nas dunas, e os passos com o seu rebordo de ferida na areia húmida, varrida, desesperadamente clara e cheia de horizonte.

Ela dormia assim. Era um domingo. As casas dos sargaceiros, meio enterradas na areia, pareciam povoados abandonados, não com essa excitante sugestão duma cidade de província quando cai uma torrente de água e ela fica como que apagada de vida, com as suas velhas pedras escorrendo, todas brilhantes duma seiva nova, enquanto que, sob um arco, duma esquina, dum portal que nos traz o confortável cheiro dos carvões e dos molhos prensados das carquejas, julgamos ir ver surgir uma Lady Godiva tiritando no seu cavalo branco.

As casas dos sargaceiros, simples telheiros de recolha das suas redes e branquetas duras de salitre, eram como restos de citânias despontando dos areais; ou, hostilmente fechadas, com os seus te-

lhados negros, com os seus compridos muros sem janelas, exprimiam alguma coisa de corrupto e desolado, como se contivessem cadáveres ou a carcaça dum barco apodrecida antes de terminar, ou a história dum povo torturado e sem possível evasão. Quem pensava nisto, quem pensava, enquanto ia mordendo as hastes dos juncos, repleto duma inércia paciente, fugidia e castigada? Gerson pensava nisto. A tarde arrefecia, pequenos pássaros da beira-mar patinhavam de volta dos arbustos, deixando na areia a marca triangular das patinhas; eram como arvéolas, pelos mesmos movimentos céleres e prudentes, com um quê de astucioso e aventureiro nos voos rápidos e nas negaças do seu contínuo rebuscar pelas moitas. Iam de repente roçar as ondas, e a sua sombra passava como um dardo sobre a praia. Gerson tentou agarrar um deles, um que se aproximou com o seu ar temerário e mudo; mas ele fugiu-lhe, quase sem levantar voo, esquivando a asa e continuando mais longe os seus passeios circulares, deixando em toda a parte a marca levezinha dos pés.

— Malandro! — E Gerson ficou a rir-se, estendido na areia que ia esfriando, tomando uma cor de cinza, despegando do calor e da brilhante ligação do sol. A rapariga que dormia virou o rosto na mão e olhou para ele. Gemeu baixinho. Continuava com as pupilas cheias das imagens do sono, e tudo nela era tão inocente, desprevenido e sem luta, que Gerson se comoveu. Deixou-se assaltar por essa ternura nervosa que sempre acontece diante de alguma coisa indefesa em choque com a nossa alma ociosa e cultivada de paradoxos. Nesse momento, amou aquela rapariga com uma espécie de veemente curiosidade, que é o extremo da paixão; amou-a com o remorso pela indiferença passada, e ela pareceu-lhe extraordinariamente presente e desejável. Ela tinha um nome raro. Era neta dum protestante baptista, um homem que sufragava a sua preguiça numa metódica probidade religiosa, humilde de mais para ser fanático e a quem todos conheciam pelo José Salústio da tipografia. A rapariga chamava-se Tamar. Gerson não compreendia isto senão nalguma princesa moabita vestida de lã azul e com artelhos ligados por cadeias de ouro. Aquela Tamar com o nariz sempre a purgar a coriza das Primaveras, com as feias mãos de criadilha de albergue, parecia-lhe bem uma profanação. Mas eis que ela se cumpria agora diante dos seus olhos, a bela Tamar, com os seus cabelos pretos e

aquele rosto cheio duma indecisa surpresa! Cumpria-se agora com aquele olhar como que desesperado da sua inocência, e a pele cintilando com as partículas de areia prateada. Os olhos cinzentos, com uma suavidade apascentada e animal, iam despertando devagar, refletindo a lembrança cada vez mais submersa do mundo que deixava — aquele ondular pelos caminhos dos pinhais, o cheiro acre e como que mortífero dos junquinhos penetrando o sono. Ela nascia, a bela e ciprina Tamar, com as suas escamas de prata, os cabelos como algas recortadas sobre o peito; as suas palavras soavam pela primeira vez, tinha uma voz balbuciante, um pouco rouca, e os cabelos, ainda os cabelos, desprendiam-se como que despregados por um vento meticuloso de criação. «Boa noite, mulher Tamar, criatura perfeita, gerada pelo sal e o vento, na misteriosa hora do entardecer...» A saudação dum advento assim, dum princípio eterno, é uma despedida. Gerson voltou bruscamente o rosto e ficou a observar os juncos que se inclinavam como longos efebos de bailado agradecendo uma ovação.

Um homem peneirava pelos dentes dum engaçó um sargaço tri-lhado. Pequenas algas ainda cheias de água brilhavam como espelhos pretos. O cheiro corria no vento, o cheiro pestilento e vivo, entorpecente, o cheiro de detritos do mar que começam a corromper-se. E a camisa azul do homem, dominical, com vincos de ferro nas mangas, era, em toda aquela natureza fria e melodiosa, a única sugestão de calendário — limpa e conspícua na tarde que se derramava com uma inocência cósmica sobre o coração de Gerson. Um carro passou na estradinha das dunas, e o esmagar da areia, o esfarelar do pó, enrugado em pequenas ondas pelo vento, encheu o ar dalguma coisa de meditativo; foi como um tema novo perfurando a uniformidade dos sons, o patinhar das aves, o húmido misturar do sargaço, o bater suspirado das vagas, os doces bocejos de Tamar, que corria as mãos pela cabeleira, que era pesada, com um quê de leviandade triste, como as das chinesas. Gerson trouxe ao seu pensamento aquelas mãos esgalhadas, de unhas tão roídas que as cabeças dos dedos pareciam crescer desmesuradamente sob o sabugo macerado pela saliva. Davam-lhe sempre uma angústia, aquelas mãos, como se mantivessem vestígios duma tortura, duma história que ela trouxesse selada nos sentidos, infamante como todo o segredo.

«Que é o segredo? — pensava Gerson. — Não é a recusa do encontro, da fé, da flor da nossa alma? O segredo é a própria mística da corrupção, é o pacto negro, a violência sobre o êxtase.» Podia ver toda aquela serenidade das dunas, onde a areia, comunicada de movimento imperceptível, ia escorregando como que minada por bichinhos cheios de afã. Como um gume fino, o mar vinha repousar na praia, lá onde as pulgas brancas multiplicavam os seus saltos sobre a babugem evaporada; podia ver a família que trepava com os seus carregos de almofadas e bancos de tesoura. Flávia, Noémia, Teresina, com esse azedume que sucede a uma festa mesmo quando ela nos satisfaz — e em toda a satisfação há sempre um despeito e uma espécie de antecedência de realidade que, mesmo se nos é indiferente, nos faz instintivamente recuar —, vinham, as primeiras, novas ainda e muito bonitas, a outra, pequenita, vulgar e com um viço de curiosidade que a fazia parecer uma criança. Eram irmãs, mas, a não ser por um certo ar de parentesco quase reduzido a um pressentimento, não se pareciam. Seguia-as José Salústio, o pai, alto, de sorriso permanente e ambíguo, vestindo um casaco de pano cotim em cuja lapela faceiramente procurava segurar uma inteiriçada estrela-do-mar. E dizia, agitando a bengala de cana: «A maré... repara na maré... Quando os tritões tocam as buzinas, ela ferve...» E a mais nova das netas, Maria da Luz, a quem ele se dirigia com verdadeiro espírito de alegoria, com aquele alto estilo que ele gostava de empregar nas mais modestas circunstâncias, olhava-o com um modo interrogativo quase próximo do desprezo e da incredulidade. Tinha nove anos, ela; acompanhava-o gravemente, atrasando o passo e como que recolhendo a destreza e a força do corpinho de longos membros torneados. Ah, em tudo havia um segredo! Fundo, calculador, à espreita, ele vivia, esperando para devorar a excelsa comunicação dos homens. Ele era experiente e indivisível, ele estava na qualidade do metal, na temperatura do ar, no sabor, no cheiro, no vácuo e na intermitência de todos os sentimentos. Vivia de esgares, de desafios, no coração das trevas; vivia, percebia-se na súbita estranheza da água escorrida das mãos, ou na forma que repelimos com uma terrível certeza de nos ser inimiga. O segredo e o ódio, eis a inseparável fusão, a força e a ordem exclusiva contra a finalidade. Gerson olhou para Tamar e viu-a como sempre agora, cheia duma

vivacidade desajeitada, com a boca entreaberta, o que lhe dava uma expressão de apaixonada amargura.

— Vamos embora — disse ela. E pôs-se a rodopiar como as aves, à volta dos arbustos, e a cantar quase colericamente. — Isto acabou... Isto acabou...

— Tens pena, não tens? — disse Gerson. Ela atirou-se de joelhos entre os seus pés, pôs-se esquecidamente a brincar com a areia, aliçada pelo inofensivo carácter da areia, solta e inaderente.

— Quando voltamos cá? Quando voltamos? — perguntou. — Tu vais dizer domingo, outro domingo, qualquer dia... Mas nunca se volta, Gerson. Nunca, percebes?

— Pois. Nunca se repete nada, minha filha. — Ele estava a escrever no espaço como uma caligrafia larga e vertiginosa. — Eu estava a pensar, minha filha, que experiência não é conhecimento, é só curiosidade.

— Não me chames assim. Não digas minha filha.

— O quê? — disse ele. Tinha corado um pouco. Lançou-se sobre os juncos para mais uma vez agarrar a ave que esvoaçava e pousava, sempre muda; como um brinquedo mecânico que do peito entufado fosse de repente soltar um gorjeio agudo e matinal, ela saltitava, inacessível na sua lesta fragilidade. — Não podes — disse ainda Gerson, parecendo dirigir-se, com uma frivolidade falsa e magoada, aos pássaros escondidos pelas dunas, aos juncos macilentos e às doces copas dos pinheiros mansos, abertas como um ramalhete lodoso —, não podes voltar a acordar numa tarde como esta e olhar assim, como se estivesses a reconhecer as coisas para além da tua razão de ser.

— Tu sabes o que dizes? — disse ela. E atirou-lhe areia. A irmã, que vinha constrangida e cerimoniosa a acompanhar a marcha do avô, desatou a correr para se associar à brincadeira; ambas perseguiram Gerson, soltando gritinhos, empenhadas em cortar-lhe a retirada e em fazê-lo cair. Flávia, Noémia, Teresina, com os seus vestidos de Verão e os braços queimados pelo sol, continuaram a caminhar; tinham um sorriso igual, condescendente, como que desenhado sobre uma imperturbável máscara de Euménides.

O carro, muito velho e que tinha o ar de ter sido pintado debaixo dum telheiro com restos duma tinta engrolada e que empastava an-

tes de corrida pelo pincel, era extraordinário, com estribos que pareciam bancadas e grandes rasgões ponteados no estofado de couro preto. Teresina suspirou, enquanto a pequena Luz procurava lugar nos seus joelhos.

— Antes queria ir a pé — disse.

— Isso! — E Gerson bateu com a palma da mão no volante, com ar de cómica desilusão. — Isso mesmo. Porquê essa boémia toda?

— Não falte ao respeito a minha filha — disse distraidamente o velho Salústio. Todos sorriram, mesmo Teresina, que, com a sua voz monótona, começou uma queixa embrulhada a que ninguém dava ouvidos e que era um hábito da sua prática com pobres. Ela era a aia das misérias, a senhora da porta, como lhe chamavam as telhudas comadres que vinham pelas seis horas buscar os restos da cantina. Enquanto Noémia era a senhora das luvas — ela limpava o pó calçando antigas luvas de camurça preta, e nunca ninguém a viu na rua sem uns trapos nas mãos, de Inverno, de Verão, na pobreza e na fartura —, Teresina era aquilo, uma alma de boas-vindas, uma pequena serva de tocaia atrás da porta, onde batiam os fiéis dos cânticos nocturnos, as mães que trazem os arroxeados bebês para a creche, vestidos com xailes pingões que arrastavam todo o dia pelo salão cheio de voadores de verga e de berços de madeira como gamelas.

— Ah! — disse ela. — Que fiz eu, que fiz?! Sou uma tola, mas não posso deixar de ver as coisas como elas são...

— Elas são como nós as vemos, o que é diferente de as vermos como elas são — disse Noémia, com uma fleuma um pouco afectada. Olhou como assustada à sua volta, e já não ouviu a irmã, que lhe replicava:

— Pois sim... Ora também tu, também tu! Que te fiz eu? Olha para essas meninas... Não perdi muita noite por causa delas, não mastiguei o pão que lhes pus na boca?

— Que porcaria! — disse Gerson, fixando com olhar rápido e confirmativo a estradinha, os seus barrancos e bermas cheias duma ervagem espinhosa e daquela folhagem gorda dos lugares sem água.

— Poupe-nos essas revelações.

— Viram? Mas como se pode suportar isto? É impossível, sim, é impossível. — E Noémia assoou-se desesperadamente.